

O TRABALHO COM RETEXTUALIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DOS MULTILETRAMENTOS: UMA PROPOSTA DE ATIVIDADE PARA O NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Wellington Gomes de SOUZA¹
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
wellington83souza@gmail.com

Hérica Paiva PEREIRA²
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
hericap2@gmail.com

RESUMO: A abordagem realizada, neste artigo, é pautada na reflexão sobre a importância de práticas pedagógicas de linguagem que tenham o texto como unidade de ensino. Nesse sentido, entende-se que é possível contemplar essa ideia, mediante o desenvolvimento de atividades que possibilitem o uso das tecnologias da informação e da comunicação – TIC – no ambiente escolar. Isso possibilita uma visão mais ampla sobre a matéria-prima texto, algo que pode ser concebido também com a retextualização. Dessa forma, o objetivo é apresentar uma atividade para o desenvolvimento da capacidade dos alunos lidarem com textos, em uma perspectiva de protagonismo estudantil. Nesse contexto, pretende-se suscitar possibilidades de trabalho, com base nas ideias de Rojo (2012) sobre multiletramentos e na explanação de Marcuschi (2001) sobre atividades de retextualização. Além disso, é possível discutir estratégias de produção textual, norteadas pelo projeto do Interacionismo Sociodiscursivo – ISD, postulado por Bronckart (2006). Assim, será apresentada uma atividade desenvolvida a partir da leitura de um conto, tendo como propósito a produção de um curta-metragem. Essa atividade foi dividida em momentos que vão da leitura e da interpretação do texto-base até a produção e apresentação do gênero fílmico proposto. Como resultado, angariou-se êxito no trabalho com leitura e interpretação do texto explorado. Da mesma forma, percebeu-se eficácia na realização de atividades com o uso das TIC, por conta do domínio dos discentes sobre as tecnologias. Por isso, conclui-se que atividades na perspectiva dos multiletramentos são bastante relevantes para o desenvolvimento do trabalho com textos na escola.

PALAVRAS-CHAVE: Contos. Curtas. Retextualização. Multiletramentos. Ensino.

¹ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)Doutorando do PPGL da UERN - campus Pau dos Ferros. Professor da rede estadual do Ceará - SEDUC-CE.

² Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da UFCG, Campus de Cajazeiras, PB, Brasil.

THE WORK WITH RETEXTUALIZATION IN THE PERSPECTIVE OF MULTILITERACIES: A PROPOSAL OF ACTIVITY FOR NINTH GRADE OF ELEMENTARY EDUCATION

ABSTRACT: The approach realized, in this article, is based on the reflection about the importance of pedagogics practices of languages that have the text as a teaching unity. In this sense, it is understood that it is possible to contemplate this idea, through the development of activities that make possible the use of information and communication technologies – TIC, in the school environment. This allows for a broad view of the raw material text, something that can also be conceived with retextualization. Thus, the objective is to present an activity for the development of student's ability to deal with texts, in a perspective of student protagonism. In this context, it is intended to raise possibilities for working, based on the ideas of Rojo (2012) about multiliteracies and on the explanation of Marcuschi (2001) about retextualization activities. In addition, it is possible to discuss strategies of textual production, guided by the project of Interacionismo Sociodiscursivo – ISD, postulated by Bronckart (2006). Therefore, an activity developed from the reading of a short story will be presented, with the purpose of producing a short film. This activity was divided in moments from reading and interpretation of the basis text to the production and presentation of film genre. As a result, we aimed at a successful work with reading and interpretation of text. In the same way, it was realized effectiveness in the accomplishment of activities with the use of the TIC, due the domain of the students on the technologies. Therefore, it is concluded that activities in the perspective of multiliteracies are very relevant for the development of work with texts in school.

KEYWORDS: Short stories. Short films. Retextualization. Multiliteracies. Teaching.

1 INTRODUÇÃO

A complexidade que envolve o trabalho com processamento textual, seja no âmbito da leitura ou no âmbito da escrita, requer uma visão holística sobre a matéria-prima texto, nos seus aspectos linguísticos e extralinguísticos.

Dessa forma, as práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto escolar devem levar em consideração as diversas possibilidades de abordagem sobre texto. Por isso, é importante suscitar formas diferentes de trabalho com leitura e produção textual

Nesse contexto, nosso objetivo é apresentar uma atividade em prol do desenvolvimento

da capacidade dos discentes em lidarem com textos, em uma perspectiva de protagonismo juvenil, tendo o texto como lugar de interação e de produção de sentidos.

Para fundamentar nossa abordagem, temos aporte básico em Rojo (2012), que trata de questões atinentes aos multiletramentos; Marcuschi (2001), que discorre sobre processos de retextualização; além de Bronckart (2006), que nos apresenta ideias sobre o interacionismo sociodiscursivo – ISD.

Como metodologia, pautamo-nos na pesquisa-ação, de natureza aplicada, com vistas à produção de conhecimentos para a aplicação prática no contexto escolar. Além disso, adotamos como procedimento metodológico a leitura de contos, com o desenvolvimento de atividades de compreensão e interpretação, planejamento, produção e apresentação de um curta-metragem, gênero resultado do processo de retextualização desenvolvido por estudantes da educação básica.

Para dar sequência a esta discussão, seguiremos com a fundamentação teórica e seus desdobramentos: abordagem sobre multiletramentos, retextualização e ISD. Posteriormente, apresentaremos metodologia, resultados e discussão, além das considerações finais e das referências que servem de âncora para este trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A perspectiva de trabalho com textos que adotamos é sustentada na tríade multiletramentos, retextualização e ISD. Isso se deve ao fato de que essas três teorias convergem para a ampliação da visão sobre os gêneros textuais.

Nesse contexto, os multiletramentos norteiam-nos acerca do uso das TIC em sala de aula, conforme podemos analisar em Rojo (2012), no encaminhamento do texto para várias

perspectivas de abordagem, considerando, entre outros aspectos, o seu caráter multimodal. Com a retextualização, é possível transformar os gêneros textuais, transitando por diversos caminhos, como da fala para a escrita, na explanação de Marcuschi (2001). No mesmo intuito de amplitude textual, temos o ISD de Bronckart (2006), que nos permite a ativação do conhecimento construído acerca de textos ao longo de nossa interação em contextos comunicativos. Diante disso, discutiremos sobre cada um desses aspectos, observando a relação que há entre eles em prol do trabalho com textos.

2.1 Os multiletramentos

Em Rojo (2012), podemos ver que a ideia sobre multiletramentos surge relacionada às ideias sobre a multiplicidade de culturas, permitindo várias visões acerca das produções inerentes às culturas letradas e suas produções que circulam socialmente. Da mesma forma, a abordagem sobre multiletramentos relaciona-se, também, com a multiplicidade de linguagens que são a essência dos textos, os quais são produzidos sob vários modos e várias semioses.

Vale dizer, também, que as diversas demandas inerentes às práticas de letramento são responsáveis pela necessidade de novas formas de concebermos um texto, utilizando as mais variadas ferramentas. Nessa esteira, as novas mídias, que contemplam os multiletramentos, possibilitam o surgimento de novos textos e, conseqüentemente, novos letramentos, o que converge para, nas palavras da autora, a construção de hipertextos e hiperímias.

Diante disso, podemos observar que o conceito de multiletramentos é muito abrangente, visto que envolve vários fatores que estão relacionados à dinamicidade das

práticas de linguagem, como os diversos suportes textuais, sobretudo os midiáticos, além de valer-se de várias ferramentas de produção textual. Assim, na perspectiva do ensino, é importante pensar sobre esse conceito no sentido de

[...] contemplar práticas que possam extrapolar o contexto escolar, ou seja, que considerem o âmbito do trabalho (diversidade produtiva), o âmbito da cidadania (pluralismo cívico) e o âmbito da vida social, levando em conta, neste último caso, as identidades multifacetadas presentes em contexto escolar. (TANZI NETO *et al*, 2013, p. 136).

Com base nisso, podemos dizer que, no contexto escolar, o uso de mídias consiste em uma possibilidade de fazer com que os alunos tenham mais empenho em relação ao processo educacional, visto que eles vivem permeados por situações que envolvem a tecnologia, o que não pode ser diferente nas situações de aprendizagem.

Há uma série de fatores que estão relacionados ao trabalho com as tecnologias em sala de aula e, conseqüentemente, com os multiletramentos. A abordagem nessa perspectiva pode ser caracterizada da seguinte forma:

[...] como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático – que envolva agência – de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos, valorizados (como é o caso dos trabalhos com hiper e nanocontos) ou desvalorizados (como é o caso do trabalho com picho). (ROJO, 2012, p. 08).

Podemos defender, dessa forma, que o trabalho com base na perspectiva dos multiletramentos oferece condições para desenvolvermos atividades interativas entre gêneros textuais e para considerarmos suas relações intertextuais, bem como para contemplarmos o desenvolvimento dos processos de retextualização.

2.2 A retextualização

Para tratarmos de retextualização, é necessário que partamos, *a priori*, das questões oriundas da textualização, a fim de compreendermos o desenvolvimento desses processos. De acordo com Matêncio (2003), “textualizar é agenciar recursos *linguageiros* e realizar operações linguísticas, textuais e discursivas” (MATÊNCIO, 2003, p. 04).

Em outras palavras, podemos dizer que o conhecimento linguístico é responsável “[...] pela organização do material linguístico na superfície textual, pelo uso dos meios coesivos que a língua nos põe à disposição para efetuar a remissão ou a sequenciação textual, pela seleção lexical adequada ao tema e/ou aos modelos cognitivos ativados.”. (KOCH, 2010, p. 32).

Como podemos observar, o processo de textualização envolve uma miscelânea de fatores que serão responsáveis pela interação verbal e, conseqüentemente, pela plenitude no desenvolvimento das operações aqui citadas. Assim, haverá a possibilidade de concretizarmos a seguinte ideia sobre o processamento de texto:

[...] o processamento textual implica a projeção e a identificação de significados e sentidos à informação, pode-se dizer que, ao processar um texto, o sujeito constrói, necessariamente, um quadro de referência em que ele instancia um contexto de situação em uma prática discursiva [...]. (MATÊNCIO, 2003, p. 03).

Dessa forma, a abordagem dos gêneros textuais com a perspectiva do desenvolvimento de atividades de retextualização visa à possibilidade de criação de eventos de letramento que possam subsidiar o uso social da língua pelos alunos em seus mais diversos níveis de formalidade e nos mais variados ambientes discursivos. Assim,

agenciados os recursos da textualização, conforme nos apontou Matêncio (*op. cit.*), retextualizar envolve:

[...] a produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base, o que significa que o sujeito trabalha sobre as estratégias lingüísticas, textuais e discursivas identificadas no texto-base para, então, projetá-las tendo em vista uma nova situação de interação, portanto um novo enquadre e um novo quadro de referência [...]. (MATÊNCIO, 2003, p. 04).

Daí a importância de falarmos primeiro dos aspectos textuais que possibilitarão a atividade de retextualização. Ao considerarmos o trabalho desenvolvido em sala de aula sob essa vertente, é necessário que os discentes compreendam que o texto, pertencente a um determinado gênero textual, faz parte de um envoltório de situações que contribuirão para a atribuição de sentidos.

Por isso, devemos considerar alguns aspectos sobre o processo de retextualização que se fazem possíveis tanto na oralidade como na escrita. Para tanto, é importante nos pautarmos nas ideias organizadas por Marcuschi & Dionísio (2007): a análise da transposição dos aspectos textuais da fala para a escrita; e a transposição de gêneros do discurso, a partir de um texto, que pode suscitar uma gama de possibilidades de escrita e proporcionar um contato mais aguçado com esta faceta da linguagem.

Em suma, é importante fixar a ideia de que o trabalho com retextualização vai muito além do simples treino acerca de diversos gêneros textuais e suas possibilidades de escrita. É necessário entender o caráter heterogêneo vinculado à língua, principalmente por ter seu uso amparado por aspectos socio-históricos. Dessa forma, devemos “ter uma noção de texto adequada, tal como os diversos estudos pontuam ao tomarem o texto como um

evento discursivo, e não como uma simples unidade linguística que não seria mais do que uma frase estendida” (MARCUSCHI & DIONÍSIO, 2007, p. 29).

Com o intuito de oferecer condições para a ampliação do repertório linguístico dos alunos, e a fim de promover eventos de letramento eficazes, podemos conceber a retextualização como uma ferramenta de suma importância. Isso pode ser dito, porque ela contempla a interação que deve haver entre o texto e seus sentidos, além das possibilidades oriundas da atribuição de significados desveladas pelos alunos em relação ao conteúdo linguístico com o qual eles se deparam numa superfície textual.

2.3 Interacionismo Sociodiscursivo

Conforme observamos até aqui, o trabalho com a linguagem, bem como a interação através de textos, deve levar em consideração situações que vão além da natureza do signo linguístico, pois há diversos fatores que contribuem para o desenvolvimento da escrita e para a aquisição da competência leitora dos alunos.

Assim, o ISD, aliado às práticas de letramento e ao uso das TIC, consiste em uma abordagem importante, e viável, para o desenvolvimento das habilidades relacionadas ao uso da linguagem no cotidiano dos alunos e para a eficácia dos processos de retextualização.

Há, dessa forma, a possibilidade de trabalharmos com a linguagem de maneira interativa, a fim de contemplarmos as práticas sociais de uso da língua, mediante a abordagem de uma diversidade de textos que estão relacionados a essas práticas. Através do ISD, podemos propor uma prática diversificada e, sobretudo, abrangente, em relação aos artefatos textuais presentes no cotidiano dos estudantes.

Baltar *et al* (2006), por exemplo, afirmam que o quadro teórico do ISD está relacionado a um trabalho de ensinagem de textos que caminha por vários aspectos da língua. Dessa forma, contemplamos a dimensão cotextual que se apresenta a serviço da textualização, além de contemplarmos a dimensão contextual, no sentido de considerarmos os ambientes discursivos, os suportes textuais das ações de linguagem, bem como os aspectos interativos dos interlocutores e a funcionalidade dos gêneros textuais em seus ambientes discursivos.

Ressaltemos, nesse sentido, a ideia que endossa o trabalho com ISD que tem por objetivo demonstrar

[...] que as práticas languageiras situadas (ou os textos-discursos) são os instrumentos principais do desenvolvimento humano, tanto em relação aos conhecimentos e aos saberes quanto em relação às capacidades do agir e da identidade das pessoas. (BRONCKART, 2006, p. 10).

Por isso, as práticas de linguagem com base no ISD podem ser desenvolvidas mediante a eleição de um texto-base para a construção de um conjunto de textos – arquitexto, levando em consideração os saberes dos alunos, a fim de despertar para a ação languageira no tocante às situações comunicativas que estão ligadas aos textos à sua volta.

No contexto escolar, portanto, trabalhar na perspectiva do ISD possibilita a percepção de várias situações comunicativas que são oriundas de um determinado texto. Dessa forma, temos associada a ele a ideia acerca de retextualização, pois pensar no ISD é pensar em práticas de metamorfose textual e releitura, seja da escrita para a escrita, da fala para a escrita, além de outros caminhos de transformação, sob a ótica da multisemiose.

Podemos dizer, com isso, que o ISD faz parte de um conjunto maior de interações e práticas significantes, que é o interacionismo social. Isso se deve ao fato de que as práticas

de linguagem são práticas sociais e a sua interação depende das formações sociais que permeiam o agir comunicacional dos indivíduos. Nesse sentido, há um conjunto de fatores que podem ser identificados como sendo propriedades das atividades de linguagem.

Uma visão de texto sob essa perspectiva amplia, certamente, as possibilidades de o aluno perceber a complexidade da ação significativa que há para além da superfície textual de um determinado gênero. Entendemos que é nesse sentido que as ações de linguagem contribuem para o desenvolvimento humano.

3 METODOLOGIA

A nossa abordagem metodológica foi pautada em uma pesquisa-ação de natureza aplicada, tendo em vista a produção de conhecimentos para a aplicação da prática em sala de aula.

Com isso, apresentamos, na nossa proposta, uma atividade a ser trabalhada na perspectiva da retextualização da escrita para a escrita e da escrita para oralidade, embasada na teoria de Marcuschi (2001); em Rojo (2012), no que diz respeito aos multiletramentos; e em Bronckart (2006) no que se refere ao ISD.

Para tanto, dividimos a execução da proposta em alguns momentos: no primeiro momento, realizamos a leitura, interpretação e discussão sobre a temática do conto *Uma vela para Dario*, de Dalton Trevisan, que foi o texto-base para desenvolvermos o processo de retextualização para o texto final, um curta-metragem. Para desenvolvermos o referido processo, seguimos as etapas iniciais propostas por Dell'Isola (2007): leitura, compreensão e identificação do gênero do texto-base e suas características.

O segundo momento foi destinado ao planejamento para gravação das cenas do filme; o terceiro momento consistiu na gravação e edição das cenas, algo que foi desenvolvido em uma atividade extraclasse e com a utilização do programa *Imovie*, editor próprio de celulares da *Apple*; e, por fim, no quarto momento, apresentamos o filme para a comunidade escolar. Ressaltemos que o segundo e o terceiro momentos consistem na execução do processo de retextualização, sua conferência e identificação do novo gênero, resultado desse processo. Assim, contemplamos as outras etapas da retextualização, conforme a proposta de Dell’Isola (2007).

Nosso objetivo foi apresentar as possibilidades de exploração do gênero conto, a fim de construir processos de retextualização para a produção de uma curta-metragem e contribuir, assim, para o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita por parte dos alunos, promovendo o protagonismo estudantil.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Primeiramente, é importante ressaltar que os momentos descritos para o desenvolvimento dos processos de retextualização sucedem etapas anteriores que dizem respeito à abordagem dos gêneros conto e curta-metragem, isto é, texto-base e texto-final, respectivamente. Além disso, foi preciso uma explanação prévia sobre aquilo que seria proposto para a execução da tarefa a ser desenvolvida pelos alunos.

Dessa forma, antes de tratarmos das questões inerentes aos gêneros, foi necessário explicar as etapas que envolveram todo o processo de retextualização até chegarmos ao resultado textual esperado. Por isso, foi preciso dizer aos alunos no que consistia um

processo de retextualização que, de maneira simplificada, poderia ser conceituado como uma produção de um novo texto a partir de um texto-base.

Depois disso, fez-se necessário o estudo sobre os dois gêneros, visto que seria de suma importância que os alunos conhecessem os gêneros textuais com os quais trabalhariam. Assim, fizemos uma abordagem sobre a forma e a função comunicativa desses gêneros, exploramos suas características, assim como apontamos as semelhanças que, a nosso ver, possibilitariam o trabalho na perspectiva apresentada. Nesse contexto, foi de grande valia apresentar variados contos para leitura dos alunos, além de produções cinematográficas do tipo curta-metragem, com o intuito de tornar esses gêneros mais familiares aos alunos.

Nesse sentido, pudemos explorar o gênero conto e observar os seus elementos constituintes: narrador, personagem, tempo, espaço, enredo etc. Da mesma forma, discutimos a função comunicativa e a importância do conto e sua finalidade sociodiscursiva.

Na abordagem sobre o gênero curta-metragem, foi importante analisar, à medida que apresentávamos os filmes aos alunos, os pontos semelhantes entre este gênero e o conto, no sentido de que os alunos entendessem a proximidade das características desses dois gêneros e percebessem as possibilidades de desenvolvimento do processo de retextualização almejado.

Diante do que foi exposto acerca da nossa proposta, entendemos que o professor pode seguir para os momentos que foram descritos anteriormente, com um conto selecionado para a produção do curta-metragem. Ou seja, depois da abordagem sobre os gêneros e a leitura feita de contos, a fim de explorar suas características e funções comunicativas, o docente pode mediar a escolha de um conto para o trabalho a ser

desenvolvido. Assim, pode partir para os momentos de leitura e compreensão, planejamento, execução e apresentação.

Em nosso contexto de produção, tomando como base o conto *Uma vela para Dario*, de Dalton Trevisan, pudemos levantar alguns aspectos inerentes ao fato de as pessoas, hoje, serem menos humanas quando presenciam situações como a de Dario. Em uma abordagem como a nossa, certamente, aparecerão depoimentos dos alunos relatando momentos em que, em vez de ajudarem alguém que estivesse passando mal ou tenha sofrido um acidente, por exemplo, as pessoas fizeram filmagens, *selfies*, ou algo parecido para postar em alguma rede social. Dessa forma, o professor pode promover, por exemplo, um debate para tratar sobre os valores morais e éticos da sociedade. Nesse caso, teríamos um outro processo de retextualização possível, com características diferentes, tendo em vista a presença de um outro gênero, o que demonstra como essas atividades podem ser profícuas no contexto escolar.

Vale dizer que o professor pode fazer a predição da leitura com os alunos, solicitar que eles façam uma leitura silenciosa, para depois o docente fazer a leitura em voz alta, entre outras possibilidades, de acordo com aquilo que considerar mais pertinente para o momento. Ressaltemos, ainda, que outros textos podem ser escolhidos para o desenvolvimento da proposta.

No planejamento, é importante destacarmos a necessidade de mediação do professor para que as ideias sejam levantadas pelos discentes. Embora muitos alunos tenham iniciativa de liderarem as sugestões para o desenvolvimento das atividades, outros discentes precisam do incentivo do professor para se sentirem motivados a participar do projeto. Por isso, é preciso que o docente tenha conhecimento acerca das potencialidades de sua turma, de forma a engajar todos os discentes na tarefa. Dessa forma, é preciso

entender que há os mais introvertidos e que não possuem aptidão para encenarem, mas que podem fazer parte da produção ou de outro grupo de trabalho, por exemplo. O importante é que todos estejam inseridos na ação proposta.

No momento de execução, temos a efetivação do processo de retextualização, pois é o momento em que há a transformação do texto-base no texto-alvo efetivamente. Como vimos, há a idealização, reformulação e adaptação, conforme a compreensão dos alunos, diante dos aspectos linguísticos-textuais-discursivos. Dessa forma, é de suma importância a mediação do professor, nesse momento, visto que, no processo de retextualização, buscamos manter a essência do texto-base, apesar das transformações realizadas. Não obstante, julgamos ser importante dar a liberdade para que os alunos tomem algumas decisões no tocante à edição, escolha de trilha sonora, entre outros aspectos que lhes são familiares.

Em nossa abordagem, os discentes destacaram como essencial o fato de Dario, personagem protagonista do conto, passar mal e sofrer com a ação de outros personagens, que subtraem seus objetos. Também é de acordo com o que se apresenta no conto que os alunos escolhem o personagem principal, pois, em determinado trecho da história é relatado que os personagens têm dificuldades para carregar Dario pelo fato de ele ser muito pesado, algo define a participação do aluno-protagonista. Com isso, podemos dizer que a materialidade linguística orienta a produção das cenas e, ainda que não se priorize a produção de um roteiro, por exemplo, que seria um gênero possível nesse contexto, os estudantes conseguem proceder com a gravação do curta-metragem pelo que se apresenta na superfície textual.

Por fim, no momento de apresentação, reiteramos a importância de socialização da produção perante a comunidade escolar, pois isso repercute de maneira positiva na escola.

No nosso caso, quando realizamos a apresentação do curta-metragem, ouvíamos os comentários de outros alunos, encantados pelo trabalho, bem como a positividade por parte da família em relação ao que fora apresentado.

Para finalizar, entendemos que essa proposta transpõe, didaticamente, as ideias de Marcuschi (2001) sobre retextualização, visto que há a transformação de um texto pertencente a um gênero textual em outro. Ou seja, promovemos a exploração de um texto-base, o conto, com o intuito de chegar a um texto final, o curta-metragem. Da mesma forma, ela contempla as questões inerentes ao que Rojo (2012) nos apresenta sobre multiletramentos e multimodalidade discursiva, haja vista suscitar a possibilidade de criação de um texto multimodal. E, em relação ao ISD, é perceptível a sua contemplação, a partir do desenvolvimento dos processos de retextualização, pois, no decorrer deles, outros textos podem surgir, o que possibilita a criação de um circuito de gêneros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa abordagem foi pautada na ideia de que os professores necessitam transformar a sua prática pedagógica no tocante ao trabalho com textos em sala de aula, a partir de atividades de leitura e escrita que sejam relevantes e considerem os aspectos inerentes ao caráter social dos gêneros e às condições de comunicação que permeiam os alunos enquanto sujeitos que fazem uso da linguagem.

Nesse sentido, podemos dizer que o entrelaçamento das ideias que compõem o nosso aporte teórico direcionou-nos para a conclusão de que é possível desenvolver um trabalho com gêneros que seja fomentador da interatividade textual e contemplativo de seus aspectos funcionais, além de promover a dinamização da abordagem sobre textos e

suas possibilidades de produção. Portanto, devemos ressaltar a importância das teorias visitadas para o vislumbre de criação de situações de aprendizagem exitosas no que se refere ao trabalho em sala de aula.

Assim, com vistas a promover a transposição didática do aporte teórico citado, a proposta de atividade apresentada partiu da hipótese de que uma abordagem diferenciada sobre textos em sala de aula pode despertar nos discentes uma visão mais abrangente acerca dos gêneros textuais.

Com isso, pudemos observar que a abordagem sobre o texto possibilitou que os alunos pudessem trabalhar de maneira ampla, principalmente no que se refere ao texto-base. Além disso, o desenvolvimento da atividade de retextualização despertou interesse por parte dos discentes, visto que foi criada uma situação diferenciada de aprendizagem a respeito desses gêneros.

Diante dessas considerações, podemos estabelecer relações entre a tríade teórica apresentada nessa abordagem. Assim, é pertinente dizer que as ideias sobre multiletramentos servem como subsídios para o desenvolvimento dos processos de retextualização e que a criação de um circuito de gêneros, o que se traduz no interacionismo sociodiscursivo, consiste em uma consequência do desenvolvimento da retextualização.

Em suma, podemos dizer que há um vasto terreno a ser explorado no tocante ao trabalho com retextualização em sala de aula, tendo em vista as várias situações em que podemos nos valer desse processo em prol da abordagem plena sobre gêneros textuais, no tocante à leitura, escrita e oralidade. Da mesma forma, é importante ressaltar a necessidade do estudo acerca das outras possibilidades de desenvolvimento dos processos de

retextualização, haja vista percebermos que eles podem ser contemplados sob diversas possibilidades.

Por isso, esse trabalho deve ter continuidade no sentido de analisarmos os diversos processos de retextualização em sala de aula e os caminhos percorridos pelos alunos para que esses processos aconteçam. Vale ressaltar, ainda, que tratar disso com base em apenas dois gêneros, como fizemos aqui, é muito pouco diante da complexidade de abordagens que podem ser desenvolvidas com textos na escola.

REFERÊNCIAS

- BALTAR *et al.* Circuito de gêneros: atividades significativas de linguagem para desenvolvimento da competência sociodiscursiva. *In: Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 375-387, set/dez. 2006.
- BRONCKART, Jean Paul. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio (org.). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.
- KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONÍSIO, Angela Paiva. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Referenciação e Retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN*, 3., 2003, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.
- ROJO, Roxane Helena R. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- TANZI NETO *et al.* **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs**. Roxane Rojo (org.). São Paulo: Parábola, 2013.